



Wittgenstein e o Princípio do Contexto

Ana Falcato,
IFL
– FCSH/UNL

FLUP – 7 de Dezembro de 2012

O Princípio do Contexto

- Frege, 1882: *Introdução aos Fundamentos da Aritmética*:

«Nunca (devemos) perguntar pelo significado de uma palavra isoladamente, mas apenas no contexto de uma frase.»

- Wittgenstein, 1922: *Tractatus Logico-Philosophicus* 3.3.:

«Só a frase tem sentido; apenas no contexto de uma frase é que um nome tem referência.»

Variações mais recentes:

- Alguns contextualistas actuais – como F. Recanati – alegam que qualquer proposta contextualista é uma **adaptação assimiladora do Princípio do Contexto**, tal como estipulado por Frege na *Introdução aos Fundamentos da Aritmética* e defendido por Wittgenstein em TLP 3.3.
- Quando defende essa posição, Recanati remete o leitor para um texto de James Conant (Conant, 1998), intitulado “Wittgenstein on Meaning and Use” – extraordinário trabalho de exegese sobre a evolução do pensamento de Wittgenstein e respectiva relação com Frege, **que não se compromete com o debate Contextualismo/ Anti-Contextualismo.**

Divergências

- «My main aim in this paper is to thoroughly explore the connexion between a certain reformulation of the naming relation within the *Philosophical Investigations* and what I defend to be a new stance therein assumed by Wittgenstein concerning Frege's so called Context Principle. I will be arguing that in the *Investigations* Wittgenstein does not subscribe to the CP, as it could first have been formulated in the Introduction to *The Foundations of Arithmetic* by Frege, and later on endorsed by himself in the *Tractatus Logico-Philosophicus*. **When readdressing the naming problem in his later work, Wittgenstein broads the notion of an intelligible context in the process of understanding meaningful excerpts of language so much that he is compelled to abandon Frege's Context Principle».**

Falcató, 2012.

Passos Argumentativos: Frege

- A teoria da *Primazia do Juízo*:

«Não começamos com conceitos que colocamos lado a lado para formar um pensamento completo; [ao invés] chegamos às partes de um pensamento analisando o pensamento».

- Para determinar o significado de uma palavra e compreender o seu contributo semântico para o todo orgânico da frase em que figura, temos de **focar-nos na frase como um todo, respectivo potencial assertivo e de expressão de um pensamento.**

Frege:

- Questões de interpretação precedem sempre a determinação de um pensamento completo.
- Se um falante competente de uma língua L compreende o pensamento expresso por uma frase S, fá-lo-á atendendo ao princípio de composição/decomposição que fixa o significado de S.
- **Qualquer processo de modulação de significados lexicais atribuível a características muito específicas do mundo está excluído desta orgânica interpretativa.**

Frege: Conclusão Provisória

- O Princípio do Contexto de Frege é só uma **regra meta-semântica**.
- Mesmo se foi chamado “Princípio do Contexto” pela tradição analítica, o “axioma de Frege” na Introdução dos *Grundlagen* diz apenas respeito **ao todo interno de uma frase**, não versando sobre as circunstâncias em que a mesma pode ser proferida – portanto, sobre aquilo a que eu chamaria “**contexto externo**”.

Wittgenstein

- «I shall also call the whole, consisting of language and the actions into which it is woven, a “language-game”» (PI, §7)
- 1) O que é um nome num jogo de linguagem?
- 2) Como é que um nome refere num jogo de linguagem?

- Um jogo de linguagem é, para Wittgenstein, uma plataforma de conexão de elocuições com **acções enquadradas por um background situacional entre interlocutores, respectivas intenções e projectos** – e este último núcleo não tem por que fundamentar-se linguisticamente.
- Identificar um jogo de linguagem é adscrever-lhe *regras* – conjuntos de normas com conteúdo proposicional que especificam como o jogo deve ser jogado.
- As regras de um jogo determinam o que são movimentos válidos dentro desse jogo e, por exclusão, o que podem ser movimentos inválidos.

- Dentro do modelo dos jogos de linguagem, nomear um objecto significa contribuir para as condições de correcção de um movimento dentro do jogo, tal como é especificado pelas respectivas regras.
- R1) No modelo dos jogos de linguagem, um nome não designa nada fora de um jogo;
- R2) Aquilo que um nome pode designar dentro de um jogo de linguagem é especificado pelas respectivas regras, que enquadram movimentos válidos e completos dentro do mesmo.

Frege vs. Wittgenstein

- **Frege:** um nome é um signo que funciona de uma determinada maneira dentro de um todo proposicional.
- **Frege:** O desempenho semântico de um nome depende do contributo semântico dos restantes componentes do composto proposicional.
- **Frege:** Para um nome **a** designar um objecto **A** algo mais no composto proposicional em que **a** figura tem de assegurar essa associação: por exemplo, que **a** satisfaça um dado predicado **P**.

- **Frege:** um nome tem de funcionar articuladamente com os restantes compostos proposicionais se a **coerência representativa de um dado pensamento** vai ser assegurada – essa coerência representativa projecta na frase correspondente um conjunto de condições de verdade composicionais.

O Wittgenstein das IF

- Liberalizando o estatuto lógico de um nome, defende que o composto relevante para o qual um nome pode contribuir significativamente é um **todo híbrido** – um movimento num jogo de linguagem, misto de componentes linguísticos e não-linguísticos.
- **Computar os significados discretos das partes componentes de uma elocução a ocorrer num jogo num todo composicional, não é condição suficiente para se conhecer o pensamento expresso pela elocução.**

- O último ponto é o caso por duas razões:

1. Uma única expressão referencial (seja o predicado “_é verde”) não refere o mesmo em todo e cada jogo de linguagem em que pode figurar. Diferentes jogos podem conter elocuições da mesma frase-tipo “Este prédio é verde” que, **ao abrigo de diferentes regras, determinarão diferentes condições de correcção.**

2. Dentro de um mesmo jogo de linguagem, há **espaço de interpretação** para o conteúdo referencial de uma expressão singular, como o predicado “_é verde” ou um nome **a** para o o objecto **A**.

Mesmo para fixar as condições de correcção de **um único movimento dentro de um único jogo de linguagem** – constituído pela elocução de “Este prédio é verde” – a soma composicional dos respectivos referentes é insuficiente.

Na ausência do **conjunto de regras** que determina o jogo de linguagem em questão e até de alguma **prática efectiva** do mesmo, não disporemos de mais do que *conhecimento proposicional sobre o jogo*.

Conclusão

- Nas IF Wittgenstein separa-se do Princípio do Contexto criando diferentes jogos de linguagem que coloca lado a lado, como “objectos de comparação”.
- O Contexto do jogo é um **contexto híbrido** e o seu significado enquanto enquadramento do mesmo transcende a soma composicional de todos os significados linguísticos das elocuições que o compõem e até a pura soma desses significados com as regras do jogo.
- **Não era nisto que Frege estava a pensar. Mas pode ser disto (dessa ideia forte de “Contexto híbrido” ou Contexto externo) que parte uma posição contextualista.**